

LIVROS



Funcionária da casa de leilões Christie's, em Londres, arruma vestimenta de couro usada por Madonna em seu livro "Sex" (1992)

EROTISMO Identidade da autora do clássico erótico foi grande mistério literário

"História de O" é um tratado cruel sobre amor e abandono

Autora disse que escreveu a obra 'por amor'

DA REDAÇÃO

"Eu não era jovem, nem bonita. Precisei achar outras armas". Foi com essas palavras que uma senhora de 86 anos resolveu em 1994 um dos maiores mistérios literários do século 20. Pauline Réage, autora do mais célebre livro erótico contemporâneo, era o pseudônimo de Dominique Aury, uma pacata escritora francesa, que confessava a verdadeira motivação da obra: escreveu o livro por amor.

A revelação foi feita em uma entrevista concedida por Aury à revista "New Yorker", 50 anos depois da publicação do original, em 1954. Ela admitiu que escreveu o livro como um desafio e uma "carta de amor" a Jean Paulhan, um editor conhecido que era admirador do Marquês de Sade. Foi ele o autor do prefácio incluído na edição original. "A aparência física não é tudo, também podia usar o espírito", afirmou Aury à revista norte-americana. Para ela foi um desafio porque Paulhan, diretor da "Nouvelle Revue Française" (NRF), onde ela foi secretária por mais de 40 anos, não acreditava que Dominique fosse capaz de escrever esse tipo de livros.

Durante muitos anos se espe-

culou sobre o nome da verdadeira autora de "História de O", um tratado sadomasoquista que desafiou a censura (a publicidade do livro foi proibida), a moral dominante e as feministas. Na França, alguns chegaram a especular sobre a possível autoria de Dominique, mesmo que ela polidamente negasse. O editor do livro, o francês Jean-Jacques Pauvert, sempre se recusou a confirmar —inclusive depois da entrevista de 1994—, afirmando que a autora "não havia autorizado a revelação de sua identidade".

No início, alguns suspeitaram de Dominique porque Pauline Réage era um anagrama (à diferença de uma letra) para "Egérie Paulhan" (a mulher que inspira Paulhan, numa tradução livre). Jean Paulhan, conhecido admirador do Marquês de Sade, além de ser o diretor da "NRF", também era o autor do prefácio do livro. Na verdade, revelou Dominique, "Pauline" foi uma homenagem a Pauline Borghese e a Pauline Roland (uma feminista). "Réage" foi um nome escolhido ao acaso. E "O" veio de Odile, nome de uma amiga dela.

As adaptações mais famosas do livro são um telefilme kitsch de 1975, dirigido por Just Jaeckin (o mesmo de "Emmanuelle"), com roteiro de Sébastien Japrisot), e a HQ do italiano Guido Crepax (publicada aqui pela L&PM, mas fora de catálogo há anos). Dominique morreu em 1998, aos 90 anos.

MARCELINO FREIRE
ESPECIAL PARA A FOLHA

HOJE tem noite da picanha. Explico: li isso, juro, em um panfleto que me deram na rua. E mais: noite do sushi erótico, da lingerie. Noite das colegiais. Não fui. Porque broxaria. Só achei engraçado. Logo eu que estava, coincidentemente, compenetrado com a leitura desta "História de O", de Pauline Réage. A saber: o "grande escândalo literário do século 20". Ou: "Milhões de exemplares vendidos no mundo inteiro", como diz uma cinta, potente, que vem amarrada a cada exemplar. Sei lá, mas desconfio toda vez que um livro é sucesso fácil. No fundo, quem sabe?, uma literatura prostituída. Tô fora. Mas não demorei para eu cair de língua. Perdão, desculpe. É que já nas primeiras linhas fiquei animadinho. Aliás, na contracapa uma expressão me chamou na chincha. "Estilo açougue". Dita pelo Paulo Francis. E mais outra: "Safardagem", que, segundo ele, "está em toda a parte". Eta danado! Só apelando para o lugar-comum: "venha se deliciar com os prazeres da carne". Essa, extraída do panfleto do nightclub. E a mensagem: "Experimente". Pois é: confesso que foi bom à beça. Gamei em O, a personagem. Uma jovem que se deixa torturar só para atender às ordens do seu amante. Um clássico sadomasoquista.

E tome! As frases são violentas, viris e virulentas. Sangue e mais sangue. Sim, oh, yeah! Eu não parava nem para lamber um café. Um livro poético-galopante. Difícil de largar na estante. Frases e

ensinamentos do tipo: "Se você amarrá-la algumas vezes e ela gostar, não serve. É preciso passar o momento em que ela sente prazer, para obter as lágrimas". Epa! Muita atenção: dominadores e dominados que têm muito a ver, creio, com qualquer tipo de relação. Não é à toa que o prefácio fala em "Felicidade na escravidão". Casas-grandes, no livro, trocadas por castelos feéricos, salões ovais. Onde o único e verdadeiro serviço é "se entregar". Vale lembrar: "Suas mãos não lhe pertencerão, e, principalmente, nenhum orifício de seu corpo, que poderemos explorar como quiser".

Pois é: coleira de couro, uma vez ou outra, todo mundo acaba usando. Quero dizer: a leitura do livro me fez pensar sobre escravidões outras. Sobre o que a gente é capaz de cometer quando está amando. O coração que não pára de bater mesmo apanhando. Enfim, um tratado cruel sobre amor, sexo e abandono. É bela, por exemplo, a parte em que o amante de O a deixa sozinha e esperando, por "dez dias ou dez anos". Sei lá. O livro tem uma tristeza assim, escura. Miúda. Que pode ser encontrada no seio de qualquer família. No açougue da esquina. Ou nas melhores casas do ramo.

Marcelino Freire é escritor e autor, entre outros, dos livros "BaléRale" (Ateliê) e "Contos Negreiros" (Record).

História de O

★★★★
Autor: Pauline Réage
Tradução: Hortencia Santos Lencastre
Editora: Ediouro
Quanto: R\$ 39,90 (244 págs.)

POESIA / "COMO NO CÉU / LIVRO DE VISITAS"

Carpinejar perde-se com "filosofia"

ROGÉRIO EDUARDO ALVES
ESPECIAL PARA A FOLHA

QUE sempre chamou a atenção na poesia do gaúcho Fabrício Carpinejar foi sua inventividade narrativa. A maioria de seus livros conta com uma moldura ficcional como a de "Biografia de uma Árvore" (2002), no qual há personagens, como Oasian, e um tempo imaginário (a referência é ao ano de 2045). Quando o escritor enfraquece os elementos da fábula, entregando-se ao lirismo, seu texto desanda em uma desgastada "filosofia". Se isso já era observado na antologia "Caixa de Sapatos" (2003), fica patente no novo volume, que traz dois títulos encadeados: "Como no Céu" e "Livro de Visitas".

A combinação no avesso —os livros começam em faces opostas e se encontram no centro— traduz a atmosfera das duas partes. Em resumo: os versos de "Como no Céu" registram as sensações de uma vida conjugal, suas delícias e agruras, enquanto o "eu lírico" do "Livro de Visitas" tem os olhos voltados para si mesmo tentando encontrar-se. Assim como não há referências que justifiquem esses poemas como autobiográficos, não há elementos suficientes para delimitar um contexto fabular. As belas imagens deixam de fazer parte de um universo determinado para se constituírem como expressão da lírica amorosa. Versos como "É necessário suportar a tristeza / para merecer a

esperança", sem as balizas da narrativa, enfraquecem-se, lembrando mais os livros de auto-ajuda. Essa forma imperativa dos versos de Carpinejar, que se querem instrumentos de veiculação de sabedoria e reflexão, é apenas uma das características que podem ser identificadas na poesia contemporânea brasileira. No avesso, produzem-se poemas cujo objetivo está além das palavras escritas, como em "Visibilia", do paraense Rodrigo Garcia Lopes, publicada agora em reedição ampliada (Travessa dos Editores, R\$ 22,94 págs.) do volume de 1997. Enquanto conjunto de visualidades, os poemas adensam-se para registrar em imagens o impalpável. Entre o discurso que quer ensinar e aquele que age sobre a

sensibilidade através da sugestão de imagens do irretirável, impossível estabelecer o mais poético, salvo pelo gosto do leitor. Nos vários caminhos da poesia de hoje, a única certeza é o medo. Medo de enfrentar com versos reflexivos o mercado e os paradoxos do país, variáveis que não cabem nas páginas que se desejam tecnicamente perfeitas, lacradas ao risco.

Rogério Eduardo Alves é mestrando em teoria literária pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP

Como no Céu/Livro de Visitas

★★★
Autor: Fabrício Carpinejar
Editora: Bertrand
Quanto: R\$ 29 (224 págs.)

VITRINE BRASILEIRA

FIÇÃO

Teatro

A PENA E A LEI
ARIANO SUASSUNA

SOBRE O AUTOR: Um dos fundadores do movimento armorial, em 1970 —que pregava a valorização da cultura popular—, o escritor pernambucano é autor de peças populares e clássicas como "Auto da Compadecida" e "O Santo e a Porca". É membro da Academia Brasileira de Letras.

TEMA: Montada pela primeira vez em Recife pelo Teatro Popular do Nordeste, em 1960, é uma composição de inspiração erudita de contos populares e de sátiras de costumes.

POR QUE LER: Além de trazer uma das principais peças de Suassuna, esta edição inclui o ensaio "Auto da Esperança", de Sábato Magaldi.

EDITORA: Agir. QUANTO: R\$ 24,90 (160 págs.)



Conto

OS GRANDES CONTOS POPULARES DO MUNDO
VÁRIOS

SOBRE OS AUTORES: São 35 países representados por autores como J. Simões Lopes Neto (Brasil), Hans Christian Andersen (Dinamarca), Charles Perrault (França), os irmãos Grimm (Alemanha) e Li Kung-tso (China).

TEMA: Coletânea de 83 contos populares de diversos países como Afeganistão, Angola, Cabo Verde, Hungria, Egito, Coreia e Grécia. A seleção inclui contos milenares e clássicos.

POR QUE LER: A edição permite cotejar a produção de diferentes países e continentes e inclui clássicos, como histórias extraídas das "As Mil e Uma Noites".

EDITORA: Ediouro. ORGANIZAÇÃO: Flávio Moreira da Costa. QUANTO: R\$ 49,90 (432 págs.)



Romance

O NASCIMENTO DE VÊNUS
SARAH DUNANT

SOBRE O AUTOR: Escritora e jornalista, já teve publicados no Brasil "Sob Minha Pele", "Marcas da Nasença" e "Transgressões" (todos pela ed. Record).

TEMA: Romance histórico e thriller ambientado na Florença renascentista, no século 15. O livro acompanha Alessandra Cecchi, filha com aspirações artísticas de um rico comerciante florentino, que se envolve com um pintor contratado para fazer os afrescos da capela da família.

POR QUE LER: Vários romances históricos da autora já viraram best-sellers. Neste, ela retrata a Toscana renascentista em detalhes.

EDITORA: Record. TRADUÇÃO: Ana Luiza Dantas Borges. QUANTO: R\$ 45,90 (406 págs.)



Romance

ESPIÕES
MICHAEL FRAYN

SOBRE O AUTOR: Escreveu dez romances, incluindo "Headlong", finalista do Booker Prize. Dramaturgo, é autor da peça "Copenhague", vencedora do Prêmio Tony de 1999. Foi colunista dos jornais "The Guardian" e "The Observer".

TEMA: Antes da Segunda Guerra, dois meninos passam a vigiar uma mulher, certos de que ela seria uma espiã alemã. Aos poucos, descobrem um universo estranho: beijos proibidos e vizinhos com atitude suspeita. Cinquenta anos depois, os acontecimentos ainda atormentam o personagem.

POR QUE LER: O romance ganhou o Prêmio Whitbread de 2002.

EDITORA: Companhia das Letras. TRADUÇÃO: Nina Horta. QUANTO: R\$ 38 (240 págs.)



Teatro

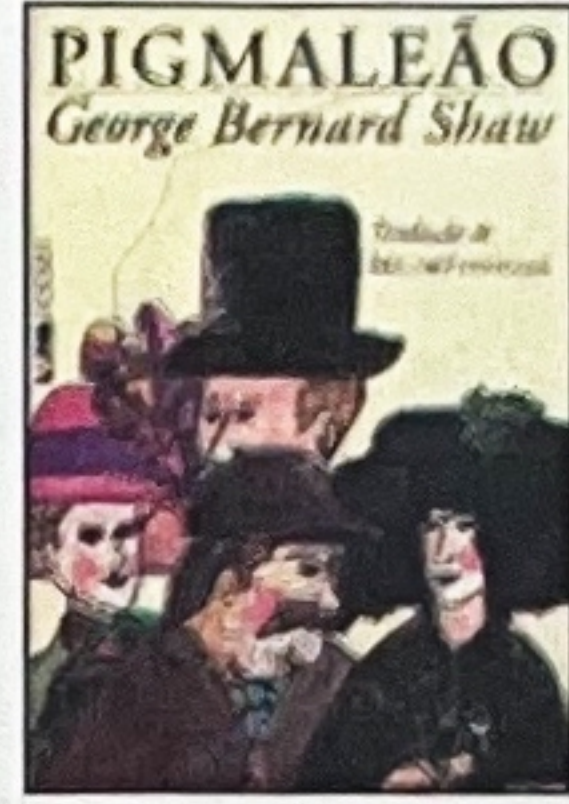
PIGMALEÃO
GEORGE BERNARD SHAW

SOBRE O AUTOR: Vencedor do Prêmio Nobel de 1925, o autor irlandês (1856-1950) era crítico literário, dramaturgo e militante político, tendo escrito peças que denunciavam as diferenças sociais e de classes.

TEMA: A edição em formato de bolso traz uma das peças mais famosas do autor. Conta a história de uma vendedora de flores iletrada na Londres do início do século 20. Um homem impõe a si mesmo o desafio de reeducá-la.

POR QUE LER: A peça tem sido encenada com regularidade desde 1912. Foi adaptada para o cinema pelo diretor George Cukor em 1964, com o título de "My Fair Lady".

EDITORA: L&PM. TRADUÇÃO: Millôr Fernandes. QUANTO: R\$ 13 (184 págs.)



Poesia

UNS E OUTROS
RODOLFO WITZIG GUTTILLA

SOBRE O AUTOR: Nascido em 1962, em São Paulo, Rodolfo Witzig Guttilla é mestre em antropologia pela PUC-SP. Jornalista, publicou o livro "Apenas" e participou das coletâneas "100 Haicais Brasileiros" (Fundação Brasil-Japão e Massao Ohno Editores) e "Quarta-Feira - Antologia de Prosa e Verso" (Escrituras).

TEMA: James Joyce, Paulo Leminski, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Edgar Braga são algumas das influências do jornalista paulistano, que demonstra flexibilidade, senso de humor e permanentemente se preocupa em fazer um jogo de referências.

POR QUE LER: O livro pratica diferentes estilos, incluindo o soneto, o haikai e o visualismo, entre outros.

EDITORA: Landy. QUANTO: R\$ 25 (104 págs.)

